

# Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

## Quatrocentas mães agredidas por filhos

Levantamento feito junto a delegacias aponta que essa é a quantidade de vítimas de agressões neste ano na Grande Vitória

Leone Oliveira

Elas criaram os filhos com carinho e amor. E, agora, em troca de toda a atenção e dedicação, elas são agredidas e ofendidas por eles. Um levantamento de **A Tribuna** apontou que somente neste ano, na Grande Vitória, pelo menos 400 mães foram vítimas de violência por parte de seus filhos ou filhas.

A estimativa foi feita pelas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam) e Delegacias de Polícia (DP). A titular da Deam de Vila Velha, delegada Aparecida Sfalsini, destacou que recebe, em média, uma denúncia de mãe agredida pelo filho por dia.

Essa também é a média registrada na Deam de Vitória, segundo a responsável pela unidade, delegada Arminda Rodrigues. “Eles agredem, xingam e querem expulsar a mãe de casa”, afirmou a ela.

Como já se passaram 241 dias este ano, a estimativa é de que pelo menos 400 mães tenham procurado essas duas unidades para denunciar os filhos agressores.

A Deam de Viana também é bastante procurada por mães agredidas, mas não possui estimativa de casos. “É um número considerável de pessoas que chegam pedindo ajuda. Quando a mãe chega pedindo ajuda, é porque a situação está desastrosa e ela está no limite, com a vida por um fio”, afirmou a titular

“Eles (filhos) agredem, xingam e querem expulsar a mãe de casa”

Arminda Rodrigues, delegada titular da Deam de Vitória

da unidade, delegada Tânia Zanoli.

Em Cariacica, a titular da Deam, delegada Michelle Meira, disse que também não possui dados, mas informou que as drogas estão entre os motivos das agressões.

“Geralmente, o filho agride a mãe, porque é usuário de drogas ou traficante e não a respeita. Ele acha que é superior a ela e que a mãe não tem poder sobre ele”, explicou.

Já na Serra, a titular da Deam, delegada Suzane Ferreira, informou que há um entendimento da Justiça do município de que esses casos não devem ser enquadrados na Lei Maria da Penha e devem ser encaminhado às DPs.

Segundo o titular da DP de Jacaraípe, delegado Leonardo Ávila, os casos são registrados como lesão corporal leve ou ameaça. “Há muita subnotificação. A mulher está sendo agredida, mas não denuncia para não prejudicar o filho”, disse.

A equipe da DP de Novo Horizonte informou que, por mês, são mais de três casos de mães agredidas por filhos registrados.

## Desaprovação de relacionamentos

Os motivos alegados pelos filhos para agredir as mães não ficam restritos ao uso de drogas. O fato de elas não aprovarem relacionamentos amorosos também leva à violência doméstica.

A titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória, delegada Arminda Rodrigues, destacou que se tornou mais comum registrar casos de filhas agredindo as mães.

“A mulher já tem um filho, deixa ele para a mãe cuidar e quer colocar o companheiro dentro de casa. A mãe não aceita esse relacionamento, que muitas vezes não é sério”.

A titular da Deam de Vila Velha, delegada Aparecida Sfalsini, contou que há casos de mães agredidas pelas filhas por tentar proteger os netos. “Tivemos casos em que a avó foi à Justiça para requerer a guarda da criança, porque o neto estava em

situação de maus-tratos”.

A psicóloga e terapeuta familiar Adriana Salezze frisou que é importante que se atentem aos valores dentro da família.

“É voltar com o respeito dentro de casa, aprender a lidar com a autoridade. Tem gente que deixa para cuidar disso na adolescência quando as características principais de personalidade do filho já estão estabelecidas”, observou.

## Pedidos de medidas protetivas

As agressões fazem com que algumas mães procurem a delegacia para solicitar medidas protetivas contra seus filhos, como afirma a coordenadora de Enfrentamento à

Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-ES), juíza Hermínia Azoury.

“São comuns os pedidos de medidas protetivas de mães contra fi-

lhos”, afirmou a magistrada.

Mas, segundo a titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória, delegada Arminda Rodrigues, há casos em que a mãe volta atrás e acolhe o filho novamente em casa.

“Temos casos de mães que já fizemos pedido da medida protetiva, em que o filho foi preso e depois que ele saiu não tinha para onde ir. O filho ficava na porta dela. Mas a mãe quer ajudar e o coloca para dentro de casa. Ele acaba agredindo de novo e ela volta a denunciar”, disse.

Segundo as delegadas ouvidas pela reportagem, os agressores têm entre 18 e 36 anos e, muitos deles, se separaram de seus companheiros e voltaram a morar com a mãe. Já as vítimas têm entre 40 e 55 anos e muitas criaram os filhos sozinhas, pois são separadas.



ARMINDA RODRIGUES diz que há filho querendo expulsar mãe de casa

RAIO X

## Agressões acontecem em casa

Vítimas

- > **AS MÃES** agredidas têm entre 40 e 55 anos.
- > **MUITAS DAS VÍTIMAS** são separadas e criaram os filhos sozinhas.
- > **EM ALGUNS CASOS**, essas mulheres também foram vítimas de violência por parte dos maridos.

Agressores

- > **SÃO HOMENS E MULHERES** com faixa etária de 18 aos 36 anos.
- > **GERALMENTE**, são usuários de drogas ilícitas e fazem uso abusivo de bebidas alcoólicas.
- > **NO CASO DOS HOMENS**, alguns deles se separaram da mulher e voltaram a morar com mãe.

Agressões

- > **A VIOLÊNCIA SOFRIDA** por essas mães é psicológica, verbal e também física, com socos, chutes e empurrões. Essas agressões acontecem

dentro da casa onde mora a família.

- > **O MOTIVO** mais comum para as agressões é o vício do filho em drogas. O agressor quer que a mãe dê dinheiro para ele comprar o entorpecente, mas ela não quer dar o dinheiro.
- > **OUTRA MOTIVAÇÃO** são os conflitos familiares por conta de relacionamentos que a mãe não aceita que os filhos tenham. Essa motivação é mais comum nos casos das filhas, segundo as delegadas ouvidas.
- > **NOS CASOS** em que a vítima já é avó, as agressões também ocorrem quando ela tenta proteger os netos. Ao perceber que a filha não está em condições de cuidar dos filhos dela ou os deixa em situação de maus-tratos, a vítima tenta cuidar de seus netos, mas é agredida pela filha que não aceita.

Fonte: Titulares das Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher (Deam) ouvidas

FÁBIO NUNES - 28/05/2015



JOVENS NA PRISÃO: agressores de mães têm entre 18 e 36 anos, segundo levantamento feito pelas titulares das Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher



A JUÍZA HERMÍNIA AZOURY diz que mães fazem pedidos nas delegacias

LEONE IGLESIAS - 12/08/2014

## Reportagem Especial

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

## “Tomem coragem e denunciem”

**A**gressões verbais, físicas e ameaças. Por oito anos essa foi a rotina de uma vendedora ambulante, de 53 anos, com o filho, usuário de crack. Por conta da violência, ela chegou a sair de casa e dormir na areia da praia.

Durante 10 anos, tempo em que o filho foi usuário de crack, ela lutou e o internou 10 vezes. Entretanto, a batalha para as drogas foi perdida no dia 13 de julho, quando o filho, então com 29 anos, foi assassinado por traficantes. “Cheguei ao ponto de pedir para prender meu filho”, revelou ela.

**A TRIBUNA – Como era seu filho antes das drogas?**

**VENDEDORA AMBULANTE –** Até os 19 anos de idade, antes das drogas, ele era um filho obediente, ia para escola, trabalhava comigo. A gente sempre teve uma relação um tanto quanto difícil, mas era uma relação maleável. Conseguía-

“Não tenho vergonha em dizer que cheguei ao ponto de pedir para prender meu filho”

Vendedora ambulante, 53 anos

mos nos relacionar e ele obedecia.

**> O que mudou depois que ele começou a usar drogas?**

Perdi meu filho depois que ele conheceu o crack, infelizmente. Ele se tornou outro ser humano. Um ser humano arredio, com dificuldade de aceitar carinhos e conselhos.

**> Quando era agredida?**

Quando ele queria dinheiro para usar drogas e eu resistia em não dar, porque às vezes eu não tinha. Ele me agredia, eu tinha que me virar e arrumar o dinheiro para ele poder sustentar o vício dele.

Sabia que se desse o dinheiro, estaria o incentivando a continuar no vício. Mas a gente é mãe. Vem o pensamento que, se não der, ele vai fazer dívida na boca de fumo e vou perdê-lo para o traficante.

**> Como eram as agressões?**

Eram mais agressões psicológicas. Ele ameaçava pegar minha mercadoria para vender. Agora, no final, que ele me agredia com empurrões e chutes. Cheguei a sair de casa. Os últimos quatro meses eu fiquei na praia, a ponto de dormir na areia, porque quando eu ficava em casa, ele queria dinheiro.

**> Chegou a interná-lo?**

Foram 10 internações. Eu não tenho vergonha em dizer que cheguei ao ponto de pedir para pren-



VENDEDORA AMBULANTE, cujo filho morreu neste ano, chegou a dormir na areia da praia para se proteger

der meu filho, porque as coisas acabavam dentro de casa e ele ia para rua pegar as coisas de alguém.

**> Conseguiu prendê-lo?**

Uma vez, por meio da medida protetiva. Ele havia me agredido, na época. Era para ele ficar preso quatro meses, mas ficou um ano e

quatro meses. Nesse período, eu agradeço a Deus, porque ele estava “guardado”. Para mim, ele não estava preso, ele estava guardado. Eu sabia que ele estava vivo.

**> O que diria para as mães que passam por essa situação?**

Tomem coragem e denunciem.

O dependente químico precisa entender que ele é um doente, mas isso não dá o direito de ele maltratar as pessoas que ele mais ama. A gente não quer ver o filho preso, mas é melhor vê-lo preso do que morto. Parece uma coisa monstruosa, mas é uma forma de amor.

## CASOS DE AGRESSÕES

## Agredida pelo filho usuário de drogas

Em Vila Velha, uma mãe, de 56 anos, denunciou o filho, 34, este ano, por conta de agressões e ameaças feitas por ele, que é usuário de drogas.

A Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) do município investiga o caso.

## Não deixou namorada do filho ficar em casa

Em junho deste ano, uma dona de casa, de 42 anos, de Marcílio de Noronha, Viana, procurou a polícia depois que o filho, 18, ameaçou dar um soco nela.

Segundo ela, as ameaças aconteceram depois que ela não permitiu que a namorada do filho ficasse alguns dias na casa onde eles moram. O acusado ainda quebrou objetos dentro de casa.

## Xingamentos perto de criança pequena

Uma dona de casa, de 55 anos, do bairro Universal, Viana, solicitou medida protetiva contra o filho, 31, mas eles continuaram morando na mesma casa enquanto a medida não era expedida.

Um dia, ela acabou xingada pelo filho perto de uma criança.

## Filha tenta queimar a mãe viva por dinheiro

Uma dona de casa quase foi queimada viva pela filha e pelo namorado dela, em 1º de janeiro de 2015, em Jardim América, Cariacica, por causa da pensão que a vítima recebia.

Segundo a polícia, a filha chegou em casa embriagada, jogou álcool no corpo da mãe e só não ateou fogo porque vizinhos invadiram a casa e a salvaram.

## ONDE DENUNCIAR

ADEMIR RIBEIRO – 04/01/2016



PLANTÃO Especializado da Mulher

## Delegacias

**> MÃES** agredidas pelos filhos na Grande Vitória podem procurar a Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) em Cariacica, na avenida Expedito Garcia, Campo Grande; em Vitória, na rua Portinari, em Santa Luzia; em Vila Velha, na av. Luciano das Neves, Prainha; e em Viana, na av. Desembargador Levino Chacon, Viana Sede, no mesmo prédio da Delegacia de Polícia (DP) do município.

**> CASO** a Deam esteja fechada, a vítima deve seguir ao Plantão Especializado da Mulher (PEM), na Ilha de Santa Maria, em Vitória, que funciona 24 horas.

**> NA SERRA**, o atendimento é feito nas Delegacias de Polícia (DP), localizadas em Serra-Sede, na rua dos Estudantes; em Novo Horizonte, na av. Brasil; em André Carloni na rua B, e em Jacaraípe, na av. Abdo Saad.

**> SE A MULHER** estiver se sentindo ameaçada, pode solicitar medida protetiva de urgência para que o agressor fique longe dela.

**> CASO A MULHER** não tenha para onde ir, pode solicitar vaga em uma das Casas de Abrigo da Grande Vitória.

## Tentativas de internações

As titulares das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam) contam que, muitas vezes, as mães vão até a delegacia para buscar ajuda para o filho.

Contudo, a titular da Deam de Vitória, delegada Arminda Rodrigues, disse que na delegacia é feita a parte criminal. “A gente orienta a mãe a buscar outros caminhos para tratar o alcoolismo e a dependência de droga do filho. Procurar um defensor para requerer a internação compulsória (sem a vontade do paciente)”, contou ela.

A titular da Deam de Vila Velha, delegada Aparecida Sfalini, explicou esse acaba sendo o caminho para muitas das mães. “Esse é o meio que a gente tem para tentar recuperar essa pessoa, mas não é fácil, não, porque depende da vontade do usuário também”, frisou.

Segundo o coordenador Cível da Defensoria Pública, defensor Fábio Ribeiro Bittencourt, o órgão solici-

tou 1.005 internações desse tipo no ano passado, parte delas a pedido de mães agredidas pelos filhos.

“Isso deve ser uma exceção à regra, porque representa tirar a liberdade. Trabalhamos para que a pessoa passe pelo atendimento ambulatorial, porque estudos comprovam que o paciente, quando é internado compulsoriamente e volta à sociedade, volta ao vício”, disse.



FÁBIO BITTENCOURT: pedidos

## Medo impede denúncias

A responsável pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Viana, delegada Tânia Zanoli, enumera o medo como o líder do ranking de fatores que impedem as mães de denunciar as agressões dos filhos.

“Elas dizem que, se fizerem isso, os filhos vão matá-las”, revelou a delegada.

Uma policial civil da Serra, que pediu para não ser identificada, informou que muitas das denúncias nas delegacias são feitas por outros parentes ou vizinhos da vítima.

“A mãe chega à delegacia acompanhada de outro filho, porque a família decidiu denunciar por não aguentar mais essa situação. Há casos em que o irmão vem denunciar o outro por agressão e ele relata que a mãe também já foi agredida”, explicou a policial civil.

Tânia ainda aponta o fato de a mãe querer proteger o filho como motivo para não representar con-



DELEGADA Tânia Zanoli: impunidade

tra ele criminalmente.

“Eu tive um caso no qual a mãe colocava o filho na cadeia e ela mesmo pagava a fiança dele ou advogado para tirá-lo da prisão. Ela tirava o filho e ele voltava ao crime”, revelou a delegada.

E completou: “A sensação de impunidade leva o agressor à reincidência da prática criminosa”.